

ISSN 3085-5624

Eixo Temático 3 – Fundamentos Históricos e Epistemológicos da Ciência da Informação

A FORMAÇÃO DO BIBLIOTECÁRIO BRASILEIRO EM PERSPECTIVA**LIBRARY ACADEMIC EDUCATION BRASILIAN IN PERSPECTIVE**

Eliomar de Oliveira Melo - Universidade Federal de Alagoas (UFAL) –
eliomar.oliveira1997@gmail.com – Orcid: <https://orcid.org/0009-0003-5333-7811>
Marcos Aparecido Rodrigues do Prado - Universidade Federal de Alagoas (UFAL) –
marcos.prado@ichca.ufal.br – Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-8783-3280>

Modalidade: Trabalho Completo

Resumo: São introduzidos aspectos históricos da formação bibliotecária no Brasil. Apresenta a tecnologia como desafio à formação deste profissional. Compreende a mediação da informação como processo de interferência da sua atuação profissional. O método utilizado neste estudo é a pesquisa bibliográfica de natureza qualitativa a respeito de temas ligados à formação bibliotecária, à influência da economia globalizada nesta formação e à constituição da mediação da informação como processo vinculado à competência profissional. Os resultados não são conclusivos por se tratar de uma revisão teórica, mas identifica-se que o bibliotecário, no Brasil, possui desafios latentes que influenciam o seu perfil profissional.

Palavras-chave: Biblioteconomia; Bibliotecário; profissional da informação; formação; currículo.

Abstract: *Historical aspects of library training in Brazil are introduced. It presents technology as a challenge to the training of this professional. Understands the mediation of information as a process of interference in your professional performance. The method used in this study is qualitative bibliographical research on topics linked to library training, the influence of the globalized economy on this training and the constitution of information mediation as a process linked to professional competence. The results are not conclusive as it is a theoretical review, but it is identified that librarians, in Brazil, have latent challenges that influence their professional profile.*

Keywords: *Librarianship; Librarian; information professional; training; curriculum.*

1 INTRODUÇÃO

A formação bibliotecária no Brasil foi instituída pela Biblioteca Nacional (BN) entre 1911 a 1915. Desde então, os desafios têm sido acentuados para garantir que a formação bibliotecária se mantivesse em sintonia com as necessidades sociais de um mundo cada vez mais dinâmico e tecnologicamente interconectado por redes e sistemas de comunicações.

Reconhecendo este contexto em que os desafios se apresentam no cerne do fazer bibliotecário e às suas competências profissionais é que o presente trabalho se dedicou a refletir os aspectos teóricos da formação bibliotecária. Com isso, este estudo tem como objetivo apresentar uma síntese sobre a formação bibliotecária para identificar os processos de interferências internos e externos que influenciam, desafiam e estimulam a atuação bibliotecária. Tais interferências são relacionadas pelo desenvolvimento econômico em que a globalização acentua impactos significativos do aspecto externo sobre o cotidiano do fazer bibliotecário. Já as interferências internas se dão pelas mudanças processuais que caracterizam as demonstrações de atitudes sobre a consciência profissional da realidade contemporânea e a mediação da informação se qualifica nestes aspectos, assim como igualmente ocorre com a mediação da leitura.

Frente aos desafios impostos pelas mudanças sociais, ocasionadas especialmente pela influência das tecnologias, o presente estudo busca responder a seguinte questão que se caracteriza como problema de pesquisa: a formação bibliotecária, no Brasil, está em sintonia com as necessidades do mercado profissional?

Assim, a formação bibliotecária se dá em um processo histórico que precisa ser revisitado para se entender o perfil profissional que as instituições de ensino têm preparado, no Brasil, para o mercado de trabalho. Desse modo, o perfil do bibliotecário se caracteriza pelo desenvolvimento de grades curriculares em que as disciplinas são delineadas por políticas nacionais de educação superior e articuladas com conteúdo que atende especificações das realidades locais/regionas e também institucionais da entidade formadora.

Metodologicamente este estudo compreende a pesquisa bibliográfica para análise teórica de natureza qualitativa a respeito da formação bibliotecária, da influência da economia globalizada nesta formação e da constituição da mediação da informação como processo vinculado à competência profissional.

2 ASPECTOS HISTÓRICO DA FORMAÇÃO BIBLIOTECÁRIA NO BRASIL

A formação no curso de Biblioteconomia, no Brasil, surgiu formalmente em um processo de 1911 a 1915 (Russo, 1966). A instituição responsável por introduzir a formação

bibliotecária no país foi a Biblioteca Nacional (BN), localizada na cidade do Rio de Janeiro. A criação do curso adotou o modelo francês como influência educacional para designação do perfil bibliotecário, que tinha por objetivo fazer com que este profissional, ao concluir o curso, se caracterizasse como alguém culto e humanista (Silveira, 2007). Apesar destes aspectos darem entendimento à uma profissão liberal de ação progressista em seu pensamento social, o bibliotecário formado pela BN era majoritariamente masculino (Pires; Paula, 2022) e também conservador (Tanus, 2018).

Não tardou para que a influência francesa perdesse força na referência educacional para formação bibliotecária no Brasil, nos anos seguintes. Isso porque, segundo Pires e Paula (2022, p. 8), “Nos anos [de] 1930 também há a difusão e influência do modo tecnicista estadunidense nos currículos no Brasil, onde se privilegiou os modos de fazer em detrimento dos conteúdos”, possivelmente por influência, direta ou indiretamente, das escolas paulistas que surgiram em momento posterior ao curso da BN.

Mas, voltando ao curso instituído pela BN, o seu objetivo era possibilitar a formação de bibliotecários como estratégia direcionada para atender novas demandas internacionais de bibliotecas cada vez mais especializadas em produtos e serviços (Hubner; Silva; Atti, 2021). Com isso, a BN também tinha interesse estratégico no curso de Biblioteconomia em ampliar o seu quadro de bibliotecários para realizarem ações voltadas às seguintes atividades de processos técnicos:

- a) permutas internacionais;
- b) organização, segundo sistema de classificação decimal e por meio de fichas, do repertório bibliográfico brasileiro;
- c) impressão destas fichas para serem postas a venda;
- d) organização do catálogo coletivo das bibliotecas brasileiras;
- e) uso público dos repertórios e do catálogo coletivo (Russo, 1966, p. 15).

Neste período, foi estabelecida a primeira grade curricular para formação bibliotecária possuía poucas disciplinas (Hubner; Silva e Atti, 2021). Neste sentido, Castro (2000, p. 27) identificou esta primeira grade curricular continha disciplinas de “[...] Bibliografia, Paleografia, Diplomática, Iconografia e Numismática”. Castro (2000) também acrescenta que as disciplinas oferecidas no curso de Biblioteconomia mantinham conexão com a estrutura organizacional da BN.

Durante a década de 1920, na cidade de São Paulo, também se iniciou o ensino formal de Biblioteconomia e a grade curricular apresentada não possuía muitas diferenças do currículo de disciplinas da BN. Assim, “Em 1929, instalou-se no Mackenzie College, hoje Universidade, um curso elementar de biblioteconomia, orientado pela bibliotecária americana Mrs. Dorothy Muriel Gedds Gropp [...]” (Russo, 1966, p. 16). Não tardou para que, em São Paulo, outros cursos fossem oferecidos por instituições notórias. Assim, em 1930, o Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo; e, em 1936, o Departamento de Cultura da Prefeitura do Município de São Paulo também passaram a disponibilizar o curso de Biblioteconomia (Russo, 1966).

Em comparação aos dois primeiros cursos de Biblioteconomia no país, sendo o primeiro na BN (Rio de Janeiro) e o outro na Universidade Mackenzie (São Paulo), Castro (2000) destaca que a Biblioteconomia da BN se orientava por bases de cultura humanista já o curso paulista mantinha essencialmente uma visão técnica dos profissionais, embora ambos mantivessem a mesma estrutura curricular.

Nos anos de 1930, o curso de Biblioteconomia sofreu alterações no modelo curricular de ensino, em 1933. Desde então, acrescentou-se disciplinas de interesse cultural. Assim, História Literária foi incluída como unidade curricular. Apesar da implementação curricular a grade permaneceu consisa no número de disciplinas e restrita a apenas dois anos. Também se identifica uma ênfase aos processos técnicos, tendo apenas a História Literária como disciplina, mas, que fique claro, o seu enfoque instrumental era sobre os aspectos teóricos da bibliografia (Russo, 1966).

Castro (2000) ponderou que essas mudanças, não afetaram o fato de o curso ter a intenção de formar um perfil bibliotecário versado na cultura geral, mesmo com a restrição educacional que essas disciplinas apresentavam. Além disso, outra finalidade do curso era conseguir profissionais capacitados para atuar nos espaços da própria BN, em que se tinha a necessidade e demanda de pessoal especializado.

Já a década de 1940, conforme Mueller (1985) ficou marcada pela reforma na estrutura básica do curso na BN, onde foi reformulado pelo professor e diretor do curso, Josué Montello. Isso provocou mudança nos objetivos propostos pelo curso, pois agora o

foco seria formar bibliotecários para atuarem em qualquer biblioteca do país, e não só na BN.

Apesar dos esforços para se consolidar a Biblioteconomia no Brasil, durante a década de 1950, ainda não existia um currículo mínimo como parâmetro educacional do seu ensino no Brasil (Russo, 1966). A profissão também não havia sido regulamentada o que gerava incertezas para propiciar garantias de salários e vagas no mercado de trabalho (Hubner, Silva, Atti, 2021). Segundo Castro (2000), para solução desta crise foi necessário ampliar a área de Biblioteconomia no aspecto social, isso através da formação do profissional nas universidades onde na grade curricular seria mantido não só disciplinas técnicas, mas também as culturais.

Já na década de 1960, Mueller (1985) enfatiza o processo de regulamentação da profissão do bibliotecário, com base na Lei nº 4.084, de 30 de junho de 1962, e a aprovação do currículo mínimo para os cursos de Biblioteconomia, que seriam o único caminho para ingressar e exercer a profissão sob o título de bacharel. Então, desse modo, Mueller (1985, p. 6, grifo da autora) que a partir da regulamentação houve:

[...] reconhecimento da profissão de bibliotecário como de "nível superior" e o conseqüente estabelecimento do currículo mínimo do curso de biblioteconomia reforçou a profissão e parece ter influenciado favoravelmente a atração exercida pelos cursos sobre os candidatos ao ensino superior. Em 1962, quando da aprovação do currículo mínimo, havia dez cursos de biblioteconomia funcionando no País, com um total de 424 alunos.

Posto isso, com a aprovação do primeiro currículo mínimo de ensino, foi estabelecida contemplação de uma mescla de disciplinas, a saber: História do Livro e das Bibliotecas, História da Literatura, História da Arte, Introdução aos Estudos Históricos, Evolução do Pensamento Filosófico e Científico, Organização e Administração de Bibliotecas, Catalogação e Classificação, Bibliografia e Referência, Documentação, e, por fim, a Paleografia (Russo, 1966). O período de duração do curso também foi legalmente ampliado de dois para três anos letivos (Castro, 2000).

A partir da década de 1970, houve bastante questionamento sobre a implementação do primeiro currículo mínimo. E com isso Castro (2000, p. 43) menciona que:

A Associação Brasileira de Ensino de Biblioteconomia e Documentação, a partir de 1971, convoca reuniões periódicas, com o objetivo de levantar sugestões para

mudanças no currículo vigente. Em 1973, com a reforma universitária, uma comissão designada pelo CFE examinou o Currículo Mínimo, visando sua adequação e atualização. Em 1976, a ABEBD realizou em Campinas um encontro com a finalidade de realizar um estudo sobre a mudança das disciplinas dos cursos de Biblioteconomia.

Visto isso, pode-se perceber ao longo dos anos uma certa resistência na área, a respeito da proposta do primeiro currículo mínimo. Então, em fevereiro de 1979, a Associação Brasileira de Escolas de Biblioteconomia e Documentação (ABEBD), entidade fundada em 13 de janeiro de 1967, foi notificada pelo Conselho Federal de Educação (CFE) para direcionar a reformulação do primeiro currículo. Mas, foi só em 1980 que a Organização dos Estados Americanos (OEA), promove um seminário para discussão dessa proposta, juntamente com professores do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT) e algumas universidades dos estados de São Paulo, Paraíba, Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná e também o Distrito Federal.

Com isso, foi estabelecido um Grupo de Trabalho (GT) pelo Ministério da Educação (MEC), em conjunto com a ABEBD, para avaliar uma reformulação do atual currículo mínimo (Russo, 1966). Mais tarde, foi elaborado um documento após o seminário, em que as reflexões resultantes foram enviadas aos cursos de Biblioteconomia da época, ao todo somavam 29 cursos em todo o país, onde 27 deles responderam com o *feedback* apontando sugestões a respeito de disciplinas culturais, estágios e durabilidade do curso de biblioteconomia (Mueller, 1985).

As reformulações da grade para o ensino de Biblioteconomia, no Brasil, nos anos seguintes, continuou em processo de estruturação com reformulações no currículo mínimo, em atendimento às políticas educacionais do MEC e às determinações formuladas pelo CFE (Pires; Paula, 2022).

Na década de 1980, especificamente no ano de 1982, o Conselho Federal de Educação (CFE) aprovou a segunda proposta de currículo mínimo. Com isso, houve um aumento significativo de disciplinas na grade curricular, oportunizando uma formação mais ampla e interdisciplinar. Além do mais, o tempo para a formação acadêmica ser integralizada aumentou para o mínimo de quatro e o máximo de sete anos, tendo a duração mínima do curso estipulada em 2.500 horas/aulas.

Ná década de 1990, a formação bibliotecária enfrentou desafios significativos à sua tendência para constituir a direção educacional. Certamente, esta situação emblemática se deveu por conta do surgimento da internet comercial e do aumento notável das tecnologias de informação e comunicação na sociedade, afetando diretamente as questões profissionais em todas as áreas e setores econômicos. Nesta época surgiu a expressão “[...] “Moderno profissional da informação”, ocasionando uma destruição da formação e da identidade do Bibliotecário por um “profissional da informação”” (Tanus, 2018, p. 180, grifo da autora).

Os anos 2000, até os dias de hoje, a formação bibliotecária segue o seu percurso, tendo no iminente enalço a forte influência da tecnologia. Pois, o ambiente digital e seus recursos altamente sofisticados e cada vez mais efêmeros, permitindo que a obsolência seja um fenômeno social de rápida consolidação, se conmsagrou como espaço virtual para a informação. Logo, o bibliotecário do século 21 está condicionado aos recursos tecnológicos para ampliação da sua competência informacional, inclusive no desenvolvimento da mediação da informação. Mas, outro aspecto também foi determinante para a formação bibliotecária nos últimos 25 anos. Isso porque no início dos anos 2000, segundo Tanus (2018, p. 181):

[...] os cursos de graduação, incluindo a Biblioteconomia, passaram por um momento mais flexível de seus currículos, devido à promulgação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) e pelas Diretrizes Curriculares Nacionais (DCN), que encerra a lógica dos currículos mínimos para os cursos.

Apesar da prevalência tecnológica na sociedade contemporânea, a formação bibliotecária precisa se manter atenta à sua função social. Para isso, espera-se que os currículos se orientem pela “[...] adoção de uma perspectiva mais humanística na formulação de seus conteúdos, conferindo-lhes um sentido social e cultural, que ultrapasse os aspectos utilitários mais imediatos sugeridos por determinados itens” (Tanus, 2018, p. 182).

Assim sendo, para além da tecnologia, considera-se necessária que a formação bibliotecária se articule para uma inclinação de caráter social com acréscimos de disciplinas voltadas às perspectivas de reflexões humanistas para contextualizar, de forma crítica, a realidade sociocultural, tal como proporciona as áreas de: Educação, Filosofia, Sociologia, Antropologia, História, Comunicação Social e também a Literatura.

3 A FORMAÇÃO BIBLIOTECÁRIA E OS DESAFIOS DA TECNOLOGIA

A realidade contemporânea se caracteriza essencialmente pela dinâmica da informação (McGarry, 1999). Isso porque os fluxos de produção e disseminação da informação estão em processos acelerados, implicando na disponibilidade exacerbada de conteúdo e na sua rápida obsolescência (Gleick, 2013).

É neste contexto desafiador que o bibliotecário se apresenta como profissional da informação. Com isso, pensar a formação bibliotecária consiste em um esforço sempre urgente e necessário. Pois, “A formação profissional representa, atualmente, o cerne das evoluções tecnológicas e organizacionais” (Guimarães, 2000, p. 71). Isso porque, como defende Santaella (2007), o ambiente digital já não é uma predição visionária de um futuro distante e utópico, mas sim uma realidade concreta que se implementa no cotidiano pela utilização frequente de recursos tecnológicos.

Assim, Simeão (2006) entende que a sociedade se desenvolve sob pilares estruturados dos aparatos tecnológicos que são sistematizados em redes interativas de comunicação. E no âmbito informacional não tem sido diferente, já que “[...] as tecnologias de informação têm modificado o formato, o suporte, o processamento e a disseminação da informação, como também tem influído na forma de mediação entre o bibliotecário e o usuário” (Amaro, 2018, p. 34).

De pronto, verifica-se que os bibliotecários têm como desafio urgente, nesta realidade contemporânea, a missão de agregar em suas competências profissionais o domínio tecnológico de um mundo cada vez mais digital para desenvolver e ampliar a oferta de produtos e serviços informacionais. Para Darnton (2010, p. 75), “As mudanças tecnológicas inundam o panorama da informação com tanta velocidade que é impossível imaginar como estará o cenário daqui a dez anos”.

Se o panorama em curto, médio e, principalmente, no longo prazo tende a ser determinado pela influência ainda mais acentuada da tecnologia na sociedade é preciso, então, rever os parâmetros educacionais da formação bibliotecária a fim de atender demandas de tais necessidades profissionais. De todo o modo, com base em Santa Anna (2014, p. 1), “O poder das novas tecnologias desencadeia a construção de novos

artefatos, oferecendo novas condições de interação do homem com o mundo”. Portanto, o momento desafiador também pode (e deve) ser compreendido como estímulo e oportunidade para a atuação profissional do bibliotecário.

Entretanto, é preciso compreender como fica a Biblioteconomia neste contexto. É bem possível que não há respostas prontas e conclusivas a respeito porque a formação acadêmica deve se orientar por parâmetros educacionais e pedagógicos delineados por políticas nacionais a esta finalidade de profissionalização do bibliotecário. Mas, a Biblioteconomia não está (e nem poderia ficar) alheia às influências de mudanças que ocorrem, em escala global, em todos os segmentos da sociedade e também no âmbito das corporações empresariais, públicas ou privadas.

Primeiramente, considera-se pertinente delinear aspectos plausíveis, em uma nova concepção contemporânea, sob à luz das exigências tecnológicas no mercado profissional, a respeito da definição conceitual, mais atualizada, para a ideia de *perfil profissional*. Esta concepção não compreende o sentido de categoria de análise em um processo de assimilação teórica e sim uma reflexão propositiva sobre as habilidades necessárias para atuação bibliotecária. Afinal, a competência bibliotecária se caracteriza pela composição de habilidades e domínios de conhecimentos que são inerentes ao seu perfil profissional. Neste sentido, recorre-se à Mueller (1989, p. 63) que define *perfil profissional* como “[...] o conjunto de conhecimentos, qualidades e competências próprias dos integrantes de uma profissão”.

A ideia expressa por Mueller (1989) sobre o perfil profissional é abrangente, mas compatível para entendimento correspondente à atuação bibliotecária. Já Santos (1996) elucida aspectos que definem o termo *profissional da informação*, sob a perspectiva de uma concepção de Moderno Profissional da Informação (MPI). Destarte, Santos (1996, p. 5) considera que os profissionais da informação correspondem a “[...] todos aqueles indivíduos que, de uma forma ou outra, fazem da informação o seu objeto de trabalho, entre os quais, arquivistas, museólogos, administradores, analistas de sistema, comunicadores, documentalistas e bibliotecários”.

Como se percebe pelo entendimento de Santos (1996), há uma variedade ampla de funções e de atividades que se ocupam da informação no cerne do seu fazer profissional.

Esta multiplicidade também é vislumbrada por Pirela Morillo e Delgado (2017, p. 34, tradução nossa) que reconhecem os profissionais da informação como sendo aqueles que “[...] atuam como organizadores, intérpretes e promotores socioculturais, críticos especialistas que se interpõem entre o mundo da cultura, da ciência, da tecnologia e do conhecimento, e os micromundos das necessidades pessoais de informação, formação e aprendizagem”.

Diante destas concepções fundamentais, julga-se urgente delinear estudos e reflexões contundentes que possam apontar as características necessárias ao profissional da informação e que estas sejam compatíveis às necessidades de um mercado de trabalho cada vez mais centrado nos processos tecnológicos (Amaro, 2018). Apesar desta condição social imposta pelas abrutadas e persistentes mudanças tecnológicas e exigências de mercados profissionais que requisitam perfis mais dinâmicos e “modernos”, as realidades socioculturais se impõem por circunstâncias adversas, inclusive em âmbito político.

No entanto, “Pensar e sistematizar estas questões ligadas ao profissional da informação brasileiro traz, por um lado, a realidade do país e suas diferenças regionais e, por outro lado, a certeza de que é possível formar para uma demanda social” (Valentim, 2000, p. 8). De todo o modo, considera-se imprescindível que ocorram “acesas” e frequentes as discussões deste tema, sejam promovidas em ambientes acadêmicos ou nas entidades de classe.

O debate representa uma atitude que incita o fortalecimento da crítica sobre as competências profissionais. Com isso, busca-se refletir sobre as demandas de uma sociedade tecnologicamente intermediada e cada vez mais dinâmica nos seus processos de comunicações interativas e também pelas suas constantes mudanças socioculturais. Com isso, a competência bibliotecária tem incorporado novos atributos às suas habilidades profissionais. Nesta perspectiva, Santos (2000, p. 107, grifo da autora) constata que:

O desenvolvimento das tecnologias da informação, “eliminando” as paredes das bibliotecas e disponibilizando informações abrigadas em sistemas distantes, de modo quase instantâneo, foi o grande argumento utilizado para exigir do profissional, além de um corpo de conhecimentos especializados na área do tratamento da documentação, outros conhecimentos e habilidades para a gerência de informações em suportes e locais diversificados. Além dessas, outras características profissionais e pessoais passaram a ser fundamentais: ser curioso,

proativo, criativo, voltado para o cliente e, principalmente, dedicado ao acesso às informações.

O mundo globalizado é um fato de verdade incontestável. Este processo foi formulado e delineado pelo sistema capitalista e, nesta concepção, alinhou mecanismos estruturais que impactam diretamente as características funcionais das competências profissionais. São condições que “[...] afetaram de modo significativo a sociedade e principalmente o mundo da informação” (Marquetis, 2014, p. 89-90). Assim, os processos tecnológicos revolucionaram a concepção social da informação e ampliaram significativamente o seu potencial de alcance às pessoas e o acesso de seu conteúdo. Logo, a informação na contemporaneidade requer de um profissional com competência aprimorada e com perfil dinâmico para atuar em ambientes digitais com capacidade tecnológica flexível, versátil e essencialmente efêmera.

4 BIBLIOTECÁRIO ENTRE A GLOBALIZAÇÃO E A MEDIAÇÃO

Tantas mudanças que afetaram a amplitude profissional das competências bibliotecárias são resultantes, dentre outros fatores, de uma sociedade economicamente interligada por relações internacionais em que o sistema financeiro funciona pelos padrões da globalização (Santos, 2011). É o capitalismo ativado na sua potência máxima. Afinal, “A globalização é, de certa forma, o ápice do processo de internacionalização do mundo capitalista” (Santos, 2011, p. 23).

Logo, se percebe que “A dimensão econômica e social da nova forma do capital é inseparável de uma transformação sem precedentes na experiência do espaço e do tempo [...]” (Chauí, 2008, p. 62). A globalização amplificou a percepção de localidade geográfica denotando sentido de lugar como espaço adjacente, ou seja, tudo se avizinha e se torna próximo pelas formas instantâneas de comunicação interativa e o acesso informacional intermediado pelos dispositivos tecnológicos.

Com isso, há desafios latentes que pressionam mudanças curriculares na formação profissional, determinando inclusive novas exigências à formação bibliotecária já que “[...] tudo contribui para repensar competências, habilidades e estratégias de formação para um exercício profissional satisfatório” (Guimarães, 2000, p. 71). Entre os desafios é possível citar

a competitividade internacional, a globalização dos mercados, o aparecimento de novas necessidades de informação, a interdisciplinaridade demasiada, a necessidade de informações mais elaboradas e o desaparecimento das fronteiras entre as profissões.

Notadamente, se percebe que a tecnologia operacionaliza o capitalismo globalizado afetando transformações significativas no comportamento humano e determina condicionantes que imperam sobre a realidade contemporânea (Santos, 2011). É neste contexto cambiante que o efêmero se apresenta como característica intrínseca, acelerando a obsolescência das coisas como normalidade da condição pós-moderna (Gleick, 2013). O mundo obstina-se às mudanças e segue acelerando o rumo do seu processo de transfiguração, atribuindo frequentemente novas incorporações de mecanismos tecnológicos nas práticas cotidianas dos seres humanos o que afeta aspectos socioculturais (Simeão, 2006).

O profissional bibliotecário, desde o surgimento das primeiras bibliotecas na antiguidade, é mencionado como mediador da leitura, por muitos pesquisadores na área da Ciência da Informação (Tanus, 2018). Essa mediação da leitura se dá pela aproximação do livro (informação registrada) aos leitores (sujeitos informacionais). Almeida Júnior e Bortolin (2008, p. 77) consideram o processo de mediação da leitura como:

[...] uma ação de interferência – realizada por um mediador que pode ser definido como uma pessoa que tem a responsabilidade de acompanhar um leitor durante a sua formação ou mesmo depois de formado (na medida que a formação é contínua) quando em dúvida ou desencorajado, solicita uma sugestão.

Portanto, a competência bibliotecária, mesmo em tempos predominado pela tecnologia na sociedade, mantém laços estreitos com com habilidades fundamentais visando o desenvolvimento das capacidades cognitivas e individuais dos sujeitos. Assim, a competência bibliotecária se expande por ações cotidianas que nem sempre são percebidas efetivamente. São atividades de rotina profissional sistematizadas em duas vertentes da unidade de informação: *processos técnicos* com o tratamento da informação e as relações interativas de *atendimento e assistência ao usuário* em serviços que acontecem de forma presencial ou remotamente. Assim, a competência bibliotecária se caracteriza pelos processos de mediação implícita da informação, atividades internas delineadas pelo

tratamento técnico dos recursos informacionais, e a mediação explícita que se desenvolve pela interação direta com o usuário (Almeida Júnior, 2009).

Todo o conjunto de atividades mencionadas acima se resume à ideia de mediação da informação, definida por Almeida Júnior (2015a, p. 25) como um processo que envolve:

[...] toda ação de interferência – realizada em um processo, por um profissional da informação e na ambiência de equipamentos informacionais –, direta ou indireta; consciente ou inconsciente; singular ou plural; individual ou coletiva; visando a apropriação de informação que satisfaça, parcialmente e de maneira momentânea, uma necessidade informacional, gerando conflitos e novas necessidades informacionais.

Com isso, entende-se o bibliotecário como possuidor da competência “mediação”, estaria até então apto, em mediar não só a leitura como também a cultura ao indivíduo. Pois, neste sentido, entende-se que “A *mediação* pode ser pensada como uma espécie de estrutura incrustada nas práticas sociais e na vida cotidiana das pessoas que, ao realizar-se através dessas práticas, traduz-se em *múltiplas mediações*” (Lopes, 2014, p. 68, grifo da autora).

Notadamente, se percebe que, ainda que prevaleçam as influências tecnológicas nas práticas bibliotecárias, a essência do fazer bibliotecário se dá pelos processos de mediação da informação. Esta ênfase mediacional é defendida por Almeida Júnior (2006, 2009, 2015a) ao ponto de o autor supracitado defender que a mediação da informação seja o objeto da Ciência da Informação. Enfim, é pela perspectiva da mediação da informação que a formação bibliotecária deveria refletir o futuro deste profissional. No entanto, há um hiato entre a realidade social do mercado de trabalho bibliotecário com suas exigências do perfil profissional e o ensino de Biblioteconomia, que é generalista e centrado em aspectos científicos do contexto acadêmico. Esta reflexão não é recente e já foi manifesta por Almeida Júnior (2015b), agregando apontamentos sobre o conservadorismo prevalente neste domínio de especialidade.

Pois, é lamentável reconhecer que “Não somente há uma prevalente tendência conservadora no delineamento do perfil profissional de bibliotecários como também se percebe uma notável dificuldade institucional das bibliotecas em se abrir às novas perspectivas e demandas socioculturais” (Prado, 2023, p. 25). Apesar destas condições estarem encrostadas na formação bibliotecária e também na resistência às mudanças por

bibliotecas arraigadas em condições tradicionais já superadas pela evolução da sociedade, as tecnologias se impõem de forma efetiva e categórica. Não há espaço para a negação das tecnologias e sua evolução permanente e sistemática. Portanto, o perfil profissional e também a formação acadêmica dos bibliotecários precisam estar em sintonia com as novas exigências da sociedade, conseqüentemente ao requisitos impostos pelos mercados profissionais.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A formação bibliotecária deve ser uma preocupação constante tanto para o contexto acadêmico, que assume esta função educacional, quanto dos bibliotecários, que devem se organizar como classe profissional para refletir e propor questões pertinentes às suas competências.

Historicamente, a Biblioteconomia se desenvolveu articulando relações institucionais e modelos curriculares para atender demandas de tempos políticos e históricos em épocas e culturas específicas. Assim, o perfil culto e humanista, apesar de conservador, foi orientado por influência francesa, enquanto a obstinação dos processos técnicos se estabeleceu por conta da predominância estadunidense.

Atualmente as influências são difusas e multiculturais (Hubner, Silva e Atti, 2021). Embora, ressalta-se que Biblioteconomia brasileira já evidencia o seu próprio caráter identitário. Pois, a mediação da informação, campo de estudo da Ciência da Informação que tem significativas contribuições brasileiras, se estabelece como reflexão social da consciência crítica na atuação profissional do bibliotecário.

Mesmo reconhecendo a importância da mediação da informação, não se pode negar o domínio tecnológico que repercute em todos os campos sociais e econômicos das sociedades humanas, inclusive afetando o *modus operandi* da Biblioteconomia e conseqüentemente da Ciência da Informação. É certo que a tecnologia não elimina as possibilidades de mediação da informação no fazer bibliotecário, embora tende a manter invisível este processo à percepção do usuário. Pois, considera-se que a tecnologia implementa estruturas e sistemas possibilitando novas configurações em que a mediação da

informação encontra novas oportunidades para reformulações funcionais de maior alcance e repercussão profissional.

Com as reflexões aqui apresentadas, considera-se pertinente responder a questão-problema que motivou o desenvolvimento desta pesquisa. Assim, a indagação do problema de pesquisa faz o seguinte questionamento: **a formação bibliotecária, no Brasil, está em sintonia com as necessidades do mercado profissional?** Com base nesta pesquisa teórica, o referido questionamento se mostra pertinente, mas uma resposta plausível somente poderia ser precisa a partir de uma criteriosa pesquisa experimental ou exploratória. No entanto, a pesquisa bibliográfica aqui oportunizada expressa aspectos teóricos que permitem ilações pontuais.

Deste modo, entende-se que a formação bibliotecária no Brasil enfrenta desafios por conta do dinamismo tecnológico que afeta e interfere a sociedade contemporânea. Com isso, tornando rapidamente obsoleto todo o processo do ensino formal, inclusive na formação acadêmica, algo que não é exclusivo da profissão bibliotecária. A globalização também oferece desafios significativos que este processo econômico também segue se desenvolvendo com a influência acentuada da tecnologia, ampliando ainda mais os desafios da profissão bibliotecária. Assim sendo, percebeu-se que historicamente a Biblioteconomia brasileira sempre esteve alinhada a um processo político de educação profissional, e esta formulação estruturante é centrada nas ações estratégicas do Ministério da Educação (MEC) para consolidar as bases curriculares do ensino superior no país, atingindo, por consequência, a formação bibliotecária.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA JÚNIOR, Oswaldo Francisco de. Mediação da informação: ampliando o conceito de disseminação. *In: Encuentro de Educadores e Investigadores en Bibliotecología, Archivología, Ciencias de la Información y de la Documentación de Iberoamérica y el Caribe (EDIBCIC)*, 7., 2006, Marília. **Anais [...]**. Marília: UNESP, 2006. Disponível em: <https://edicic.org/encuentros-y-eventos/encuentros-edicic/>. Acesso em: 12 jun. 2024.

ALMEIDA JÚNIOR, Oswaldo Francisco de. Mediação da informação e múltiplas linguagens. **Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação**, Brasília, v. 2, n. 1, p.89-103, jan./dez. 2009.

ALMEIDA JÚNIOR, Oswaldo Francisco. Mediação da informação: um conceito atualizado. *In*: BORTOLIN, Sueli; SANTOS NETO, João Arlindo dos; SILVA, Rovilson José da. **Mediação oral da informação e da leitura**. Londrina: Abecin, 2015a. Cap.1, p. 9-32.

ALMEIDA JÚNIOR, Oswaldo Francisco. Conservadorismo e revolução (ou reformismo) na Biblioteconomia e na Ciência da Informação. **Divers@**: Revista Eletrônica Interdisciplinar, Matinhos, v. 8, n. 2, p. 132-144, jul./dez. 2015b.

ALMEIDA JÚNIOR, Oswaldo Francisco de; BORTOLIN, Sueli. Mediação da informação e da leitura. *In*: SILVA, Terezinha. Elisabeth da (org.). **Interdisciplinaridade e transversalidade em Ciência da Informação**. Recife: Nectar, 2008. p. 67-85.

AMARO, Bianca. O bibliotecário e o seu relacionamento com a tecnologia. *In*: RIBEIRO, Anna Carolina Mendonça Lemos; FERREIRA, Pedro Cavalcanti Gonçalves. **Bibliotecário do século XXI: pensando o seu papel na contemporaneidade**. Brasília: Ipea, 2018.

CASTRO, Cesar. **História da Biblioteconomia brasileira**. Brasília: Thesaurus, 2000.

CHAUÍ, Marilena. Cultura e democracia. **Crítica y Emancipación**, Buenos Aires, v. 1, n. 1, p. 53-76, junho, 2008.

DARNTON, Robert. **A questão dos livros: passado, presente e futuro**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

GLEICK, James. **A informação: uma história, uma teoria, uma enxurrada**. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

GUIMARÃES, José Augusto Chaves. O profissional da informação sob o prisma da sua formação. *In*: VALENTIM, Marta Lígia Pomim (org.). **Profissionais da informação: formação, perfil e atuação profissional**. São Paulo: Polis, 2000. Cap. 2, p. 53-70.

HUBNER, Marcos Leandro Freitas; SILVA, José Fernando Modesto; ATTI, Alessandra. Origens do ensino de Biblioteconomia no Brasil. **Biblos**: Revista do Instituto de Ciências Humanas e da Informação, Rio Grande, v. 35, n. 01, p. 331-349, jan./jun., 2021.

LOPES, Maria Immacolata Vassallo de Lopes. Mediação e recepção. Algumas conexões teóricas e metodológicas nos estudos latino-americanos de comunicação. **Matrizes**, São Paulo, v. 8, n. 1, p. 65-80, jan./jun., 2014.

MARQUETIS, Eliana Marciela. Competência em informação: identificação das competências do bibliotecário enquanto gestor da informação sob a ótica do usuário. *In*: Leonardo Fernandes Souto, organizador. (org.). **Gestão da Informação e conhecimento: práticas e reflexões**. Rio de Janeiro: Interciência, 2014, p. 89-116.

MCGARRY, Kevin. **O contexto dinâmico da informação**. Brasília: Briquet de Lemos/Livros,

1999.

MUELLER, Suzana Pinheiro Machado. O ensino de Biblioteconomia no Brasil. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 14, n. 1, p. 3-15, jan./jun., 1985.

MUELLER, Suzana Pinheiro Machado. Perfil do bibliotecário, serviços e responsabilidades na área de informação e formação profissional. **Revista de Biblioteconomia de Brasília**, Brasília, v. 17, n. 1, p. 63-70, jan./jun., 1989.

PIRELA MORILLO, Johann; DELGADO, Francys. Dimensiones de los procesos de mediación del conocimiento: contribución para un discurso interdisciplinario en ciencias de la información. *In*: RENDÓN ROJAS, Miguel Ángel (coord.). **La mediación en el campo informativo documental**. México (DF): UNAM, Instituto de Investigaciones Bibliotecológicas y de la Información, 2017. p. 33-52.

PIRES, Hugo Avelar Cardoso; PAULA, Claudio Paixão Anastácio de. As mudanças curriculares da Biblioteconomia brasileira e suas relações com a generificação da profissão bibliotecária. **RDBCI: Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Campinas, v. 20, e022008, jan./dez., 2022.

PRADO, Marcos Aparecido Rodrigues do. Acolhimento e receptividade pela mediação da informação. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, São Paulo, v. 19, p. 1-36, jan./dez., 2023.

RUSSO, Laura Garcia Moreno. **A Biblioteconomia brasileira: 1915-1965**. Rio de Janeiro: Instituto Nacional de Livro, 1966.

SANTA ANNA, Jorge. O futuro do profissional bibliotecário: desmistificando previsões exageradas. **Biblionline**, João Pessoa, v. 10, n. 2, p. 1-16, 2014.

SANTAELLA, Lucia. **Linguagens líquidas na era da mobilidade**. São Paulo: Paulus, 2007.

SANTOS, Jussara Pereira. O moderno profissional da informação: o bibliotecário e o seu perfil face aos novos tempos. **Informação & Informação**, Londrina, v. 1, n. 1, p.5-13, jan./jun., 1996.

SANTOS, Jussara Pereira. O perfil do profissional bibliotecário. *In*: VALENTIM, Marta Lígia Pomim (org.). **Profissionais da informação: formação, perfil e atuação profissional**. São Paulo: Polis, 2000. Cap. 5, p. 107-118.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal**. Rio de Janeiro: Record, 2011.

SILVEIRA, Fabrício José Nascimento da. **Biblioteca como lugar de práticas culturais: uma discussão a partir dos currículos de Biblioteconomia no Brasil**. Dissertação (Mestrado em

Ciência da Informação) – Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Ciência da Informação, Belo Horizonte, 2007.

SIMEÃO, Elvira. **Comunicação extensiva e informação em rede**. Brasília: Universidade de Brasília; Departamento de Ciência da Informação e Documentação, 2006.

TANUS, Gabrielle Francinne de S. C. (Re)vistando os caminhos do ensino da Biblioteconomia no Brasil. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, v. 14, n. esp. 45 anos, p. 171-194, 2018.

VALENTIM, Marta Lígia Pomim. Profissional da informação: formação, perfil e atuação profissional. *In*: VALENTIM, Marta Lígia Pomim (org.). **Profissionais da informação: formação, perfil e atuação profissional**. São Paulo: Polis, 2000. Introdução, p. 7-30.